

TIPO TEXTUAL NARRATIVO

META

Caracterizar a narração como modo discursivo

Descrever os tipos de seqüências típicas da narração

Introduzir o ponto de vista como aspecto fundamental nas atividades discursivas.

OBJETIVOS

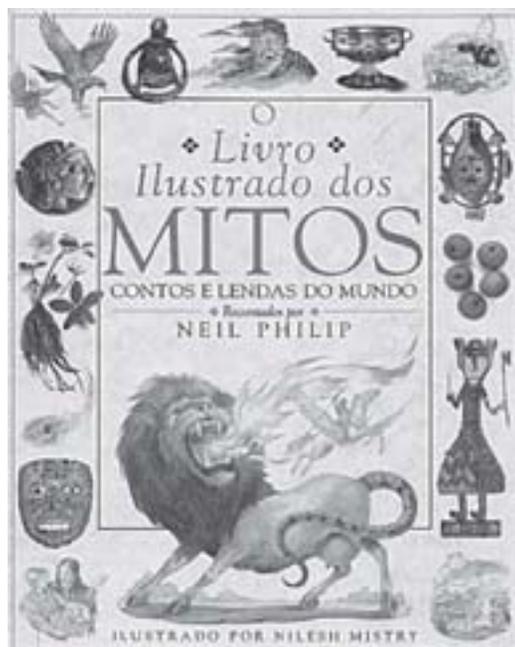
Ao final da aula, o aluno deverá:

identificar um texto narrativo a partir do reconhecimento da predominância do tipo de seqüência narrativa;

identificar os elementos da narrativa.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento de diferentes tipos de narrativas: romance, contos, piadas, fábulas, mitos, charges, relatos, crônicas, cartas (...), conhecimento de diferentes estratégias de coesão, assim como dos demais fatores da textualidade.



INTRODUÇÃO

Como vimos anteriormente, nos estudos sobre gêneros acredita-se que não é possível comunicar-se verbalmente se não for por algum gênero. Isto significa dizer que quando produzimos verbalmente através da escrita ou da fala ou quando recebemos, ouvindo ou lendo um texto estamos realizando linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. Conforme Bronckardt (1999, apud Marcuschi: 2008, p.54) “ a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas.”

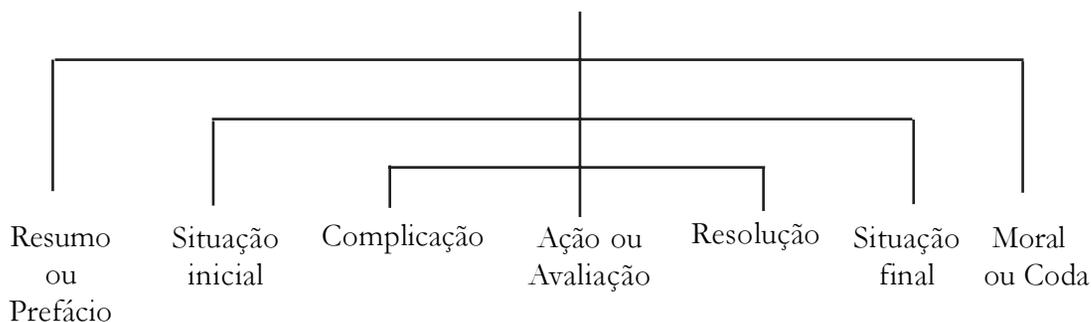
Esse conhecimento ou essa apropriação é necessariamente um conhecimento linguístico que aprendemos desde as nossas primeiras experiências com a linguagem. Além de interiorizarmos a gramática e o léxico, aprendemos a interagir com os outros organizando e recorrendo a formas comunicativas já existente, do contrário, seria impossível a comunicação.

Para isso recorremos aos modos ou tipos discursivos (narração, descrição, exposição, injunção e argumentação) que são os procedimentos responsáveis por ordenar as categorias da língua em função das finalidades discursivas. Em cada um desses modos se define uma função básica que expressa a finalidade comunicativa e um princípio de organização que estrutura o mundo referencial dando lugar a lógicas de construção desse mundo.

A classificação dos tipos ou modos textuais tem sido motivada por diferentes aspectos. Aqui, por razões práticas, utilizaremos a tipologia de J M Adam (1991), posteriormente defendida por Bronckart (2003), que classifica os textos em função do modo de organização cognitiva dos conteúdos baseado na estrutura seqüencial prototípica dos textos. Nesta aula, trataremos da narração ou do modo ou tipo narrativo e das suas características gerais.

O tipo narrativo tem como função testemunhar uma experiência, por em cena uma sucessão de ações que se influenciam mutuamente e se transformam em um encadeamento progressivo. A articulação das ações no tempo e no espaço responde a uma lógica interna cuja coerência é marcada pela necessidade do desenlace.

SUPERESTRUTURA NARRATIVA



Estrutura Narrativa é uma seqüência de proposições interligadas que progridem para um fim. Para que haja uma narração, seis elementos devem estar presentes: personagem, ação, tempo, espaço, enredo e a conclusão. Vejamos como isso funciona na fábula *O Homem e a Cobra* (versão de Monteiro Lobato)

Certo homem de bom coração encontrou na estrada uma cobra entanguida de frio.

situação inicial

- Coitadinha! se fica por aqui ao relento, morre gelada.

Tomou-a nas mãos, conchegou-a ao peito e trouxe-a para casa. Lá a pôs perto do fogão.

- Fica-te por aqui em paz até que eu volte do serviço. À noite, dar-te-ei então um ratinho para a ceia. E saiu.

De noite, ao regressar, veio pelo caminho imaginando as festas que lhe faria a cobra.

complicação

- Coitadinha! vai agradecer-me tanto....

Agradecer, nada! A cobra, já desentorpecida, recebeu-o de lingüinha de fora e bote aramado, em atitude tão ameaçadora que o homem ficou enfurecido e exclamou!

- Ah, é assim? É assim que pagas o benefício que te fiz? Pois espera minha ingrata, que já te curo...

avaliação

E deu cabo dela com uma paulada.

resolução

Moral da história : Fazei o bem, mas olhai a quem.

situação final / moral

No *script* da narrativa vamos encontrar:

1. um ator constante que garanta a unidade de ação;
2. as transformações de estados;
3. a sucessão de acontecimentos que seja marcada por uma tensão que faz com que uma narrativa organize-se em função de uma situação final (conflito/ tempo / espaço);
4. um processo em que se constrói uma intriga com a integração dos fatos em uma ação única;
5. a ordem das causas : o que vem depois aparece como tendo sido causado por algo anterior;
6. um final que representa uma avaliação explícita ou implícita.

Estes elementos devem responder às questões que guiam as expectativas do leitor em torno da narrativa: o quê ? como? onde? quando? por quê? quem?

Um dos aspectos que caracteriza a narrativa é que o objeto da narração está distante do momento da enunciação. Dizendo de outra maneira, o mais comum é narrar fatos já ocorridos, num momento anterior ao ato de contar a história. Assim, a narração é construída preferencialmente com verbos no pretérito (perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito). Isso não significa que outros tempos verbais apareçam no curso da narrativa.

Um outro aspecto fundamental do modo narrativo é a presença do narrador, pois é ele quem conta a história, quem descreve as coisas e o mundo para construir realidades insólitas, para brincar com a imaginação do leitor. O narrador é quem guia o leitor, fornecendo as pistas para que ele organize a história. É fundamental que o leitor saiba identificar quem é o narrador, se é um personagem ou se está apenas narrando de longe a história; se se envolve com as personagens e mantém com eles uma relação afetiva ou se é apenas um observador imparcial, limitando-se a dizer o que sabe, deixando ao leitor a tarefa de construir sua compreensão. Para melhor observar as características deste modo textual, leia o conto *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector e em seguida, responda as atividades propostas.

FELICIDADE CLANDESTINA

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelo excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme; enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança

devoradora de histórias gostaria de ter : um pai dono de uma livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com sua letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia : continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía as *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro pra se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para busca-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era meu modo estranho de andar pelas ruas do Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nem uma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranqüilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava no seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começava a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes eu aceito:

como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa.. Pediu explicações a nós duas, houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: “Mas este livro nunca saiu aqui de casa e você não quis ler!”

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potencia de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas do Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: “Você vai emprestar o livro agora mesmo.” E para mim : “ E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

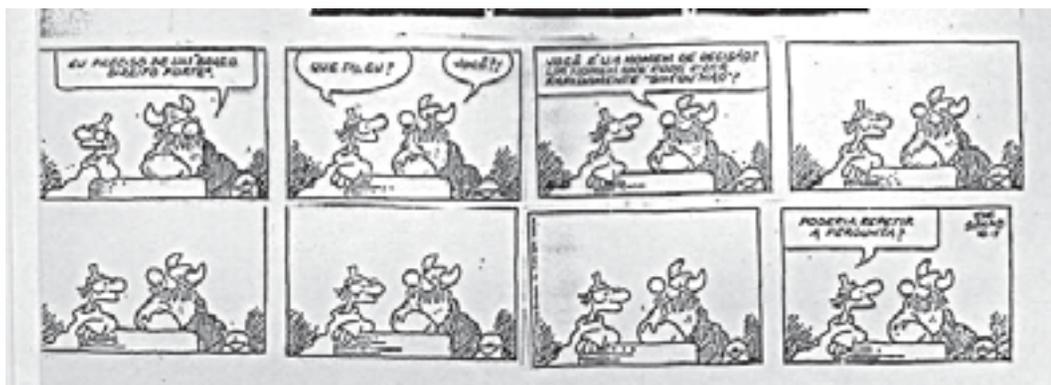
Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só pra depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar...havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante.

ATIVIDADES

1. Qual é o fato narrado? O lugar onde a ação se desenrola? , a causa que origina as ações, os acontecimentos? Observe como o narrador se comporta quando narra, é mais objetivo ou mais subjetivo? Por quê? Anote as suas considerações.
2. Observe os quadrinhos (gênero *tirinhas*) de Hågar, o horrível de Dik Browne. Pode-se dizer que se trata de uma narrativa? Explique.



3. Leia os excertos abaixo e observe como neles há relatos de acontecimentos em torno de alguma questão – reportagens, relatórios científicos ou de outras espécies, crônicas também são redigidos com finalidades narrativas. Destaque sequências narrativas dos textos e relacione às perguntas pressupostas na narrativa. O que? quem? onde/ quando? por que? Identifique o gênero de cada um dos textos e alguns traços que o difere de outros.

TEXTO 1

Resumo: Lispector, Clarice – Felicidade Clandestina.

A narradora recorda sua infância no Recife. Ela gostava de ler. Sua situação financeira não era suficiente para comprar livros. Por isso, ela vivia pedindo-os emprestados a uma colega filha de dono de uma livraria. Essa colega não valorizava a leitura e inconscientemente se sentia inferior às outras, sobretudo à narradora. Certo dia, a filha do livreiro informou à narradora que podia emprestar-lhe “As reinações de Narzinho”, de Monteiro Lobato, mas que fosse buscá-lo em casa. A menina passou a sonhar com o livro. Mal sabia a ingênua menina que a

colega queria vinga-se: todos os dias, invariavelmente, ela passava na casa e o livro não aparecia, sob a alegação de que já fora emprestado. Esse suplício durou muito tempo. Até que, certo dia, a mãe da colega cruel interveio na conversa das duas e percebeu a atitude da filha; então, emprestou o livro à sonhadora por tanto tempo quanto desejasse. Essa foi a felicidade clandestina da menina. Fazia questão de “esquecer” que estava com o livro para depois ter a “surpresa” de achá-lo. (<http://www.catar.org.com.br/hg/cultura/literatura/feli.htm>).

TEXTO 2

Excerto do relatório das atividades desenvolvidas na expedição científica /Fazenda Santa Emilia/Pousada Araraúna-MS

Esta atividade consistiu na saída a campo para localização de possíveis rotas de locomoção de queixadas, porcos monteiros e catetos, para posterior captura e observação dos mesmos como registro da presença deles na localidade. [...] foram encontrados vestígios da presença de peçarídeos nas proximidades da sede da pousada: pegadas, trilhas, resíduos fecais e possíveis restos de alimento. Nos locais das trilhas foram postos milho, sal e frutos para verificar se os mesmos estão sendo utilizados pelos animais-alvo. Para tanto se colocou em uma das trilhas uma máquina fotográfica com sensor de movimento para registrar a presença dos animais. Para sua captura foram utilizados gaiolas e chiqueiros, postos após o registro da presença deles no local. (<http://www.uniderp.br/dominio/siteEarth/EARTHWATCH.UNIDERP>)exerto.

TEXTO 3

Convocados por João Paulo II, mais de cento e cinquenta líderes religiosos de todo o mundo participaram, em Assis, Itália, de uma reunião ecumênica sem nenhum precedente na história da humanidade. Dos feiticeiros dos índios *crows* americano aos animistas do Togo, passando pelos tradicionais cristãos, judeus, hindus e mulçumanos, e os mais restritos xintoístas, zoroastras, bahais e sikhs, praticamente toda a população da terra esteve lá representada e todos elevaram suas preces em favor da paz. (Excerto de uma reportagem da revista *Veja*/2003).

ORIENTAÇÃO PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS.

ORGANIZAÇÃO DO PARÁGRAFO I : TÓPICO FRASAL

O parágrafo é uma unidade de informação construída a partir de uma idéia núcleo, materializada no tópico frasal, que por sua vez, deve ser bastante claro e adequadamente desenvolvido. Assim, por exemplo, um bom parágrafo não pode incluir elementos que não estejam contidos na idéia-núcleo.

O parágrafo pode ser dividido em três partes: tópico frasal, desenvolvimento e conclusão. O tópico frasal é normalmente compreendido como a proposição que contém a idéia central. Normalmente ele aparece no início do parágrafo, mas, por razões estilísticas, pode aparecer em outras posições ou mesmo diluído no parágrafo. Pode aparecer sob a forma de uma pergunta, uma declaração, uma definição ou conter uma divisão. Na próxima aula você deverá complementar esta lição, observando as formas de desenvolvimento do tópico frasal. Veja os exemplos de como podemos contruir o tópico frasal:

1. Pergunta:

Toda a vida na Terra é a mesma vida? Existem diferenças que, compreensivelmente, nos parecem importantes. Mas, lá no fundo do coração da vida ,somos todos nós... sequóias e nematóides, vírus e águias, barro e humanos,quase idênticos.

2. Declaração:

Os regimes autoritários odeiam quem escreve. Ainda hoje, em pleno terceiro milênio golpeiam com mãos de ferro escritores e jornalistas , mantendo sobre suas cabeças a espada da intransigência, como acontecia no Brasil nos anos da ditadura militar.

3. Definição:

“Os pulsares são estrelas, que dentro de uma fantástica periodicidade emitem fortes lampejos de energia.” (A conquista do Cosmo. No.231,p.8)

4. Divisão:

A frota de Vasco da Gama era constituída por quatro embarcações: duas naus, uma caravela e uma naveta de mantimentos. A nau São Gabriel era comandada por Vasco da Gama. A nau São Rafael estava sob a chefia de seu irmão, Paulo da Gama. Nicolau Coelho era o capitão da caravela Bérrio. A navegação de mantimentos foi esvaziada de seu conteúdo e queimada ao longo da viagem.



ATIVIDADES

Tome o exemplo dos dois gêneros abaixo para realizar as atividades propostas:

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
em Fichas

- Árvore Sumária
- Fórum dos Linguistas
- Geografia da L. Portuguesa
- Biografias
- Bibliotecas
- Gramática Histórica
- Arquivo
- História da L. Port. no Brasil
- Ficha Técnica

Outros linguistas...

Biografias **Manuel Saíd Ali Ida**
(Petrópolis, 23.10.1861 - Rio de Janeiro, 27.5.1953)



Retrato de Saíd Ali M. Saíd Ali. *Dificuldades da Língua Portuguesa. Estudos e observações*, 5.ª ed., com um prefácio do Prof. Serafim da Silva Neto, estabelecimento do texto, revisão, notas e índices pelo Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957, p. VJ.

Abominava que o biografassem. «Todos os amigos do Mestre pudemos observar a aversão que sentia do ingrato gênero que leva não poucos erros e falsidades aos pósteros. [...] O Mestre não tinha medo de ser mal biografiado; o de que não gostava era ver sua vida esquadrinhada e posta à luz, à curiosidade de todos. [...] As perguntas que lhe fiz sobre sua vida e suas obras só tinham pronta resposta quando eu lhe prometia não escrever a respeito delas. [...] E, nos momentos em que desconfiava da curiosidade humana, concluiu suas respostas: || - Se voçê, quando eu morrer, me fizer a biografia, de pirraça não vou lê-la!» (Evanildo Bechara, pp. 10-11). Cumpriremos o capricho, brevemente lhe traçando o longo percurso de vida.

A mãe, Catarina Schiffer, era alemã; o pai, que perdeu aos dois anos, tinha ascendência, que o nome Saíd Ali Ida ecoava, turca. Manuel estudou na cidade natal, até se transferir para o Rio com cerca de 14 anos, trabalhando então na livraria Laemmert. Foi professor, de Alemão, da Escola Militar e do futuro Colégio Pedro II, onde teve como aluno o poeta Manuel Bandeira, «mediocre aluno de uma turma cujos ases eram Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Artur Moses e Lopes da Costa» (Bandeira, p. 9); leccionou também Francês, Inglês, Geografia. Além da linguística, da literatura e do ensino, também lhe interessavam as ciências naturais («Na sua residência da Estrada da Saudade, em Petrópolis, cultivava a Botânica e estudava a vida das formigas, de que contava experiências curiosas. Ultimamente, desejava reunir materiais sobre a inteligência dos animais, pois o verbete da Enciclopédia Britânica lhe não agradava») e tinha ainda «raros dotes de excelente pianista e a família guarda um álbum de desenhos onde se notam reais aptidões, na arte, do chorado Mestre» (Bechara, p. 13). Íntimo amigo de Capristano de Abreu, historiador e linguista beneficiaram da mútua influência (Carvalho e Silva, pp. 49-50). Em 1944 ficou viúvo de Gertrudes Gierling, senhora alemã com quem casara no começo do século.

Pode dizer-se que Saíd Ali foi o melhor sintaticista de português da sua geração, que não é a nem a de Epifânio nem a de Bechara, ainda que ambas tenham intersectado as margens dos seus 91 anos. Na 2.ª edição das *Dificuldades*, 1919, Ali lastima não ter podido aproveitar, por estar o volume já em impressão, algumas «valiosas conclusões» bem como «pontos em que me vejo forçado a dissentir» da póstuma mas recente *Syntaxe Historica* de Epifânio Dias. O próprio Evanildo Bechara conta como, com quinze anos, deu um dos passos mais felizes da sua vida: «represente-me ao Mestre na condição de obscuro discípulo e pedi-lhe a orientação. Lembrou-me como se fôra hoje! Encontrei-o muito doente e combatido pelo último golpe rude que a vida lhe destechara: a perda de sua esposa. Encontrei-o a dilacerar inúmeras fichas do seu preciosíssimo fichário» (Bechara, p. 10). «Dos neogramáticos [Saíd Ali] não tirou, ao contrário de Leite de Vasconcelos, a orientação histórico-evolutiva, mas as bases doutrinárias para encetar uma sistematização nova dos factos gramaticais portugueses. A sua fisionomia filológica é a do que hoje chamaríamos um "estruturalista"» (Câmara Jr., p. 186) «E o carácter interpretativo que distingue a sintaxe de Saíd Ali e a extrema da dos seus contemporâneos. Melhor falando, é um esteticista, um intérprete de estilos, mais

Site história da Língua Portuguesa



- Escreva uma pequena biografia de alguém que você conhece pouco, mas gostaria de saber mais. Pesquise e organize o texto em três parágrafos. Comece cada parágrafo com uma forma diferente de tópico frasal.
- Assista a um filme de sua preferência e no final, escreva você uma sinopse. Faça de conta que a sua sinopse vai aparecer no panfleto distribuído pela empresa de cinema e portanto você deve seguir o modelo. Escolha um dos tipos de tópico frasal para iniciar a sua sinopse.

CONCLUSÃO

Quando usamos a língua, usamos muito mais do que um sistema formal. O texto é compreendido como uma realização lingüística ou um evento comunicativo e historicamente construído que preenche condições cognitivas, socioculturais, semióticas e formais. Por se tratar de uma proposta de sentido, ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte. Para ler a tirinha do Hagar, o leitor deve recorrer não apenas ao script da narrativa, mas a outros conhecimentos como os conhecimento cognitivo e sócio-pragmáticos. Assim também podemos dizer para a leitura do conto, da fábula, do relatório: utilizamos conhecimentos prévios que envolvem sobretudo a compreensão de como o gênero funciona e que significado ele tem em determinados contexto de uso. Essa competência textual e discursiva, de produzir e ler textos vai sendo ampliada à medida que interagimos com diferentes gêneros em diferentes situações no nosso cotidiano.



RESUMO

O tipo narrativo é um dos modos ou tipos discursivos a que recorremos para comunicar. Quando fazemos a escolha por um determinado tipo discursivo, também escolhemos procedimentos, usos de linguagem específicos, recursos estilísticos em função das finalidades discursivas que temos em mente. Na narração, os diferentes tipos de narrador podem servir para pensar as diferentes funções de diferentes narrativas. Pense nos mitos, por exemplo. O narrador dos mitos não é igual ao narrador do romance do século XIX. Ambos testemunham diferentes experiências e por isso recorrem a diferentes formas para realizar os textos, valendo-se de esquemas partilhados pela comunidade. A partir desses esquemas são criados novos gêneros, porque estes são produto de diferentes contextos históricos, mas que podem ter funções próximas ao gênero que lhe deu origem. Exemplo é o email que é um gênero derivado do gênero carta.



PRÓXIMA AULA

Daremos continuidade aos tipos discursivo, tratando das especificidades da descrição. É interessante relacionar sempre os modos discursivos, pois, como você já pode perceber, os textos são heterogêneos.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. Nagamine. **Gêneros e o discurso na escola**. v. 5. São Paulo: Cortez Editores, 2000.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 2003.
- CARNEIRO, Agostinho D. **Redação em construção – a escritura do texto**. São Paulo: Moderna, 1994.
- FIORIN, J Luiz & SAVIOLI, F. Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1991.
- _____. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1999.
- MELO, J. Roberto D; PAGNAN, C. Leopoldo. **Prática de textos: leitura e redação**. São Paulo: W3 Editora, 2001.
- VIANA, Antonio C (coord) et al. **Roteiro de redação – lendo e argumentando**. São Paulo: Scipione, 1998.